

ENTRE TRIAGENS E MISTURAS: A CONSTRUÇÃO DO ATOR HOMEM “DO LAR” NA TELEVISÃO BRASILEIRA

Raíssa Medici de Oliveira¹

Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento²

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo principal investigar a construção do ator homem “do lar” em dois programas televisivos brasileiros: “Encontro com Fátima Bernardes”, da Rede Globo, e “Papo de Mãe”, da TV Brasil (atualmente da TV Cultura). Busca-se compreender como esse ator e as práticas domésticas a ele atribuídas e/ou por ele assumidas são discursivamente legitimados pelos enunciadores dos dois textos. A hipótese levantada é a de que cada enunciador constrói seu discurso operando distintamente: seja pelo regime da exclusão-concentração, que tem por operador a “triagem” e que se assenta nos chamados “valores de absoluto”; seja pelo regime da participação-expansão, que tem por operador a “mistura” e que se assenta nos chamados “valores de universo”. O referencial teórico-metodológico adotado é a semiótica francesa, com especial enfoque nos conceitos de “ator”, “papel temático” e “forma de vida”. Algumas noções de semiótica tensiva, como as de “triagem” e “mistura”, são também oportunamente mobilizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Homem “do lar”; Televisão brasileira; Semiótica Francesa; Triagens e Misturas.

ABSTRACT: The present article aims at investigating the construction of the actor househusband in two brazilian television programs: “Encontro com Fátima Bernardes”, broadcast by Rede Globo, and “Papo de Mãe”, broadcast by Brasil TV (at present, broadcast by Cultura TV). It seeks to understand how this actor and the domestic practices attributed to him and/or assumed by him are discursively legitimized by the enunciators of both texts. The hypothesis raised is that each enunciator constructs his discourse operating distinctively: by the regime of exclusion-concentration, which has as its operator the “sorting” and bases itself in the “absolute values”; or by the regime of participation-expansion, which has as its operator the “mixing” and bases itself in the “universe values”. The theoretical-methodological apparatus adopted is French semiotics, with special focus on the concepts of “actor”, “thematic role” and “form of life”. Some notions from tensive semiotics, like those of “sorting” and “mixing”, are opportunely engaged.

KEYWORDS: Househusband; Brazilian television; French Semiotics; Sortings and Mixings.

1. Introdução

O presente artigo é parte de uma pesquisa acadêmica que tem por objetivo principal investigar a construção do ator homem “do lar” e da forma de vida por ele assumida e/ou a ele atribuída em textos da chamada cultura de massa. Recortando esse corpus de pesquisa, buscamos analisar, aqui, a construção do ator homem “do lar” na televisão brasileira, especificamente em dois programas televisivos: “Encontro com Fátima Bernardes”, da Rede

¹ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara e bolsista da FAPESP (convênio FAPESP/CAPES, processo n. 2015/06213-1). E-mail: raissamedici@yahoo.com.br.

² Livre-docente pela UNESP/Araraquara, docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa dessa mesma instituição e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: edna.fernandes@uol.com.br.

Globo, e “Papo de Mãe”, da TV Brasil. Nossa análise recai, desse modo, sobre a edição de 06 de julho de 2014³ do programa “Papo de Mãe”, na qual Mariana Kotscho e Roberta Manreza conversam com homens “donos de casa”, e sobre duas edições do programa “Encontro com Fátima Bernardes” em que se verifica a exibição do quadro “Homens do lar”, especificamente as edições de 10 de março e 29 de março de 2017⁴.

Para a realização da análise, efetuamos a transcrição das entrevistas conduzidas com os homens “do lar” no âmbito desses programas, transcrição feita com base na normalização proposta pelo Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (NURC/SP – núcleo USP), apresentada por Dino Preti (2000). Após a transcrição, realizamos o recorte dos trechos que acreditamos pertinentes para a apreensão não apenas das práticas domésticas atribuídas e/ou assumidas por esse ator que desempenha um novo papel no lar, mas também – e principalmente – do **como** essas práticas e esse ator são discursivamente legitimados, tendo em vista os valores da moral social que, sedimentados no imaginário cultural brasileiro, regem os comportamentos femininos e masculinos nessa sociedade.

A hipótese que levantamos é a de que cada enunciador convoca os valores da moral que regem os comportamentos femininos e masculinos na sociedade brasileira de uma maneira distinta: ou pelo princípio da exclusão, que tem por operador a triagem; ou pelo princípio da participação, que tem por operador a mistura. No primeiro caso, tem-se a realização dos valores da moral social vigente (**valores de absoluto**); no segundo, a potencialização desses valores e a abertura à manifestação de valores outros (**valores de universo**), capazes de fornecer novos modos de ser/estar no mundo, isto é, novas formas de vida. Como nem toda triagem e nem toda mistura é plena, isto é, completa, a práxis enunciativa de cada formato televisivo acaba por se encarregar de administrar a “dose” de participação admitida no seio do regime da exclusão e, do mesmo modo, a “dose” de exclusão

³ Para fins de esclarecimento, destacamos que após sete anos em exibição pela TV Brasil, o programa “Papo de Mãe” estreou, em 10 de setembro de 2016, na TV Cultura. A edição que selecionamos para análise foi exibida, desse modo, pela TV Brasil, mas reprisada, em 02 de dezembro de 2017, pela TV Cultura. Essas informações foram obtidas por meio de correspondência eletrônica trocada com Roberta Manreza, jornalista que apresenta, ao lado da também jornalista Mariana Kotscho, o referido programa “Papo de Mãe”.

⁴ É preciso justificar a escolha metodológica feita no tocante ao recorte das edições do quadro “Homens do lar”. Uma vez que em cada edição do programa apenas um ator homem “do lar” é entrevistado, cada uma dessas entrevistas tendo uma duração média de dez minutos, optamos então por selecionar duas edições, de modo que fosse possível apreender as intencionalidades contidas na enunciação global do quadro. Em nossa pesquisa de doutoramento, uma terceira edição do quadro “Homens do lar” ainda está em fase de desenvolvimento, de modo que a divulgação completa das três análises fica para um momento mais oportuno. É preciso justificar, no entanto, que a seleção das duas edições é suficiente para os objetivos aqui propostos.

admitida no seio do regime de participação. No que diz respeito à emergência da figura homem “do lar”, a investigação nos permite observar quais as “misturas” desejadas e quais as “indesejadas” ou, ainda, quais os modos de “ser homem” referendados (ou não) nesse universo midiático.

O referencial teórico-metodológico adotado no presente artigo é, conforme se entremostrou acima, a semiótica discursiva, bem como seus atuais desenvolvimentos no âmbito da semiótica das práticas e das formas de vida. Além disso, algumas noções de semiótica tensiva, especificamente as de triagem e mistura, são oportunamente mobilizadas ao longo das análises. A apresentação desse referencial é feita na sequência.

2. Apresentação teórico-metodológica

Algirdas Julien Greimas e Joseph Courtés consideram que “a reunião termo a termo de pelo menos um **papel actancial** com pelo menos um **papel temático** constitui os atores, que se dotam, desse modo e ao mesmo tempo, de um *modus operandi* e de um *modus essendi*” (2013, p. 22, grifos nossos). Focalizando a instância do discurso, verifica-se então que o actante, elemento proveniente da sintaxe narrativa, converte-se em ator ao receber investimento semântico, temático e/ou figurativo. É o que reitera José Luiz Fiorin ao definir o ator como “uma concretização temático-figurativa do actante” (2008, p. 139).

O papel temático é, pois, construído no seio de uma configuração discursiva, a qual depende de um **dicionário discursivo**, formado a partir de universos coletivos e/ou individuais fechados. É interessante observar como a função moralizante atua na constituição desse papel, forjado a partir de comportamentos estereotipados fortemente previsíveis: “a repetição de um mesmo fazer instala no ser do sujeito uma competência fixa, um saber-fazer que a **moralização** reconhece como **estereótipo social**” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 112, grifos nossos). Jacques Fontanille (2007) explica que o papel só pode ser reconhecido se for suficientemente estereotipado em dada cultura, a ponto de ser imediatamente identificado; ou se for suficientemente reiterado no discurso, a ponto de ser estabilizado e reconhecido. Em ambos os casos, segundo Fontanille, “o reconhecimento do papel faz-se *a posteriori*, depois do uso que o cristalizou, depois da repetição que o estabilizou” (2007, p. 152). O papel é assim, ainda segundo o pesquisador francês, “uma identidade acabada,

apreendida ao fim de um percurso, e que pressupõe sempre uma **práxis enunciativa** graças à qual ele se estabilizou e objetivou” (2007, p. 152, grifo nosso).

Concebida como o nível por excelência dos valores, a práxis enunciativa em questão garante a colocação em cena das potencialidades atualizáveis nos discursos, sob uma forma canônica ou inovadora. Ela concerne ao “conjunto das operações por meio das quais os textos, as formas, os motivos – *grosso modo*, as entidades semióticas – são convocadas, selecionadas, manipuladas, transformadas, até mesmo inventadas ou reinventadas por cada enunciação particular” (FONTANILLE, 1999, p. 131, tradução nossa⁵). Ela compreende os processos de **transformação** e de **sedimentação** das formas semióticas, que são fixadas pelo uso das comunidades socioculturais, em seguida depositadas no sistema, e então colocadas à disposição para que as novas enunciações as convoquem no momento da produção dos discursos, seja para reafirmá-las ou revogá-las, e assim construir novos paradigmas.

Quanto aos valores construídos no discurso, é preciso considerar que existem dois grandes regimes de circulação: o regime da exclusão, que nada mais é que o regime dos **valores de absoluto**, valores constituídos a partir da moral social vigente; e o regime da participação, que nada mais é que o regime dos **valores de universo**, valores construídos a partir da potencialização daqueles valores e da consequente abertura à manifestação de valores outros, capazes de fornecer novos modos de ser/estar no mundo ou, em outros termos, de fundar novas **formas de vida**, uma vez que “elas determinam o sentido da vida que levamos e as condutas que adotamos; elas nos fornecem identidades e razões para existir e agir no mundo” (FONTANILLE, 2015, p. 7, tradução nossa⁶).

Consoante Fontanille e Zilberberg, para o primeiro regime, o da exclusão, “o máximo de intensidade está associado à unicidade, a uma grandeza definida por sua tonicidade e sua exclusividade” (2001, p. 48). Já no âmbito do segundo regime, o da participação, “a ‘importância’ dos valores é função de sua extensão” (2001, p. 49). Nesse sentido, os autores identificam o principal operador de cada regime: o regime da exclusão tem por operador a **triagem**, responsável pela **concentração** dos valores (valores de absoluto); o regime da participação tem por operador a **mistura**, responsável pela **expansão** dos valores (valores de

⁵ Texto original: «Le terme praxis énonciative recouvre en fait l’ensemble des opérations par lesquelles des textes, des formes, des motifs – *grosso modo*, des entités sémiotiques – sont convoqués, sélectionnés, manipulés, transformés, voire inventés ou réinventés par chaque énonciation particulière.»

⁶ Trecho original: «Elles disent et déterminent le sens de la vie que nous menons et des conduites que nous adoptons; elles nous procurent des identités et des raisons d’exister et d’agir en ce monde. »

universo). Declaram eles: “identificamos a exclusão-concentração, regida pela triagem, e a participação-expansão, regida pela mistura, como as duas principais direções capazes de ordenar os sistemas de valores” (2001, p. 49). Continuando a reflexão, Fontanille e Zilberberg ressaltam que a exclusão-concentração e a participação-expansão podem ocorrer de modo completo/total ou de modo incompleto/parcial, cabendo à **práxis enunciativa** administrar a “dose” de participação admitida no seio do regime da exclusão e, do mesmo modo, a “dose” de exclusão admitida no seio do regime de participação:

Do ponto de vista da práxis enunciativa, isso representa para o sujeito, individual ou coletivo, ter que tratar, em função do regime prevalente, uma ou outra dessas duas questões: como, no regime da participação, *excluir participantes?* Como, no regime da exclusão, *fazer participar os excluídos?* (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 50).

A resposta vem na forma dos valores médios (intermediários): os valores melhorativos e os valores pejorativos, que se esforçam para preencher o hiato que existe entre os dois primeiros tipos. Segundo Fontanille e Zilberberg (2001), a melhoração suspende a exclusão própria dos valores de absoluto, admitindo uma zona participativa em seu seio; paralelamente, a pejoração suspende a participação, delimitando uma zona exclusiva.

Há assim dois tipos fundamentais de cultura: as da exclusão e as da participação, isto é, as da triagem e as da mistura. Retomando reflexão feita por Fontanille e Zilberberg (2001), Fiorin (2007) explica que as culturas da triagem têm um aspecto descontínuo e tendem a restringir a circulação cultural; as culturas da mistura, em contrapartida, apresentam um aspecto contínuo, favorecendo o “comércio” cultural. Aquelas se constituem como culturas do interdito; estas, como culturas do permitido. Pontua Fiorin que, no entanto, há um movimento pendular que, na diacronia, leva do princípio de mistura ao de triagem e assim sucessivamente: “as culturas de mistura não são fronteiras, pois elas têm também suas fronteiras, uma vez que determinam as misturas desejáveis e as indesejáveis. Nesse caso, atuam os processos considerados de pejoração e melhoração” (FIORIN, 2007, p. 202).

Partindo dessas concepções e reflexões teóricas, passamos então à investigação da emergência da figura actorial homem “do lar” nos textos dos programas televisivos selecionados, acreditando que essa investigação permitir-nos-á observar as triagens e/ou as misturas operadas pelos enunciadores dos textos em questão e, no âmbito das últimas, verificar quais as “misturas” desejadas e quais as “indesejadas”; quais os modos de “ser homem” referendados (ou não) no universo midiático colocado em exame.

3. Análise dos Programas Televisivos

Mas vê-se claramente que na perspectiva da semiótica das culturas, elas [as mídias] desempenham necessariamente, como **operadores de mediação**, um papel decisivo nas zonas periféricas da cultura, um papel de passagem, de transferência, de tradução e de transformação das formas semióticas. (FONTANILLE, 2013, p. 132, grifos do autor, tradução nossa⁷).

3.1. O homem “do lar” no Programa “Encontro com Fátima Bernardes”

Transmitida no dia 10 de março de 2017, no âmbito do quadro “Homens do lar”, do Programa “Encontro”, a primeira entrevista selecionada implica o ator-narrador Fátima Bernardes, que desempenha o papel temático “apresentadora”, e o ator Jefferson, que é acompanhado no palco pelos atores Geane, Letícia e Amanda. Jefferson desempenha os papéis temáticos “ex-motorista de coletivo urbano”, “desempregado”, “pai” e “marido”; Geane, os papéis “esposa”, “mãe” e “trabalhador remunerado”; Letícia e Amanda, ambas desempenham o papel “filha”. Dando início à entrevista, o ator-narrador afirma, de imediato, que Jefferson está “desempregado”. Nota-se assim, por meio da fala-enunciado desse ator-narrador, como os papéis “dono de casa” e “desempregado” parecem estar inextricavelmente ligados à construção discursiva do ator entrevistado e, de maneira metonímica – o indivíduo representando todo um grupo – à construção da figura homem “do lar”:

FB: a gente tem um quadro chamado homens do lar... que a gente bolou... exatamente... - - ((dirigindo-se a um dos convidados do programa)) parece que a gente conversou antes... - - tá aqui hoje um homem do lar... que a ideia era exatamente essa... são homens/ ((rápido)) **a gente está vivendo uma crise de desemprego muito grande né... muitas vezes no casal o homem fica desempregado e a mulher permanece empregada... e aí? como é que faz? mas não tem uma situação financeira que permita a essa família ter alguém que vá ajudar... então é o homem mesmo que vai pra... cuidar da casa... então vamos conversar... chamar pra cá o Jefferson e a família dele... tudo bom Jefferson? DUas filhas... heim? duas filhas... a Geane... o Jefferson (está) exatamente nessa situação do brasileiro que está aí nessa fila do desemprego... tá... ficou desempregado tem três meses... né Jefferson? que que você fazia?**

O que se observa é, a princípio, uma transformação conjuntiva que tem lugar após uma transformação disjuntiva, embora sejam distintos os objetos-valor aí implicados. Na narrativa

⁷ Texto original: «Mais on voit bien que dans la perspective de la sémiotique des cultures, ils [les médias] jouent nécessairement, en tant qu’**opérateurs de médiation**, un rôle décisif dans les zones périphériques de la culture, un rôle de passage, de transfert, de traduction et de transformations des formes sémiotiques».

do espaço público/profissional, o que ocorre, na relação entre o actante-sujeito “homem” e seu objeto-valor “trabalho remunerado/provisão financeira da família” é, evidentemente, uma despossessão; privado de seu objeto, esse sujeito seria então (re)inserido em outra narrativa, a do espaço doméstico, e um novo objeto-valor ser-lhe-ia, pois, atribuído. Todavia, o que a fala-enunciado acima aponta é a preservação das narrativas (de vida) mais canônicas, com seus sujeitos e objetos-valor mais típicos: o homem “do lar” seria assim apenas um “adjuvante”, tal qual a “dona de casa” tradicional, construída como adjuvante no percurso do marido.

Destaca-se, a esse respeito, o trecho do enunciado em que o ator-narrador afirma que, com a crise, muitas vezes ocorre de, num casal, o homem perder o emprego e a mulher permanecer empregada; conseqüentemente, pelo fato de o casal não ter uma situação financeira estável – a mulher geralmente ganha menos e o casal geralmente não tem economias ou investimentos que possam ser utilizados a fim de manter um funcionário ou ajudante em casa –, sobra ao homem “desempregado” assumir a casa: “então é o homem mesmo que vai pra... cuidar da casa...”. A ênfase dada à figura-lexemática “homem”, graças ao emprego do lexema “mesmo”, chama atenção para a emergência da até então incógnita figura homem “do lar”, fruto de uma situação circunstancial. É como se, não havendo outra opção economicamente viável, estivesse então “criado” o homem “do lar”: uma demanda, como faz-criar o enunciad⁸ do texto, dos atuais tempos de crise (tão-somente).

Outro trecho da entrevista, também recortado de uma fala-enunciado do ator-narrador, reitera essa associação inextricável entre os dois papéis, revelando como a assunção de funções no lar por parte do ator em foco é tida, na perspectiva do enunciad⁸, como algo essencialmente **provisório**, reflexo do período de recessão que o país enfrenta:

FB: e hoje o que que você acha da sua vida... como é que você vê... assim...
você provavelmente vai continuar procurando um emprego... mas o que
você acha que você pode buscar ou o que que essa experiência vai mo...
modificar em você...

Apesar de enunciada como algo provisório pelo ator-narrador (entrevistador), verifica-se, na análise dos enunciados do ator Jefferson, uma significativa mudança na forma de ser pai, ocorrida após a assunção do novo papel “no lar”. Em determinado momento, o ator

⁸ Convém reforçar que a figura do enunciad⁸ não pode ser associada a um ator do enunciado (não pode ser associada, por exemplo, à figura do apresentador), devendo ser pensada como o resultado de várias escolhas (axiológicas, temáticas, figurativas, etc.) que se manifestam na totalidade do texto enunciado. No caso em questão, é possível pensar o enunciad⁸ do texto como sendo a direção do programa “Encontro com Fátima Bernardes” ou até mesmo, numa escala mais ampla, a própria Rede Globo, que constrói seu universo discursivo a partir do que concebe como sendo as expectativas do seu público.

declara a sua satisfação em poder estar próximo aos filhos: “a vida que eu vivo hoje é::: é radiante... você ter uma criança... você poder curtir ela...”; em outro momento, o ator declara, de modo semelhante, o envolvimento afetivo que essa proximidade oportuniza: “a gente é muito agarradinho um com o outro só que... é pai pra tudo né... depois que ela se dá conta que é o pai... é o pai... aí fica aquele carrapatinho ((demonstrando afeto))... não sai... a mãe pega mas logo depois quer o pai...”. Verifica-se, nesse sentido, um princípio de **desestabilização** no que diz respeito a muitos dos mitos repertoriados em nosso imaginário cultural⁹ em torno da **paternidade**, principalmente em relação à construção da figura “pai” como figura de menor importância na criação dos filhos, a mãe sempre numa relação “simbiótica” com eles. Essa desestabilização ocorre quando se tomam para análise as falas-enunciados do ator Jefferson, mas também quando se tomam enunciados de outros entrevistados, como no caso do ator Geane (a “mãe” da criança), que declara, reforçando desse modo o saber-fazer /cuidar dos filhos/ e o saber-ser /pai/ que modalizam o sujeito entrevistado: “quem faz dormir é ele...”.

Essa **desestabilização** ocorre, todavia, localmente: ela não ocorre quando se observa o quadro “Homens do lar” em sua totalidade. Basta verificar, novamente, o efeito de sentido produzido pelas falas-enunciados do ator-narrador, efeito de sentido de reforço dos mitos repertoriados em nosso imaginário cultural em torno da **maternidade**, como no que diz respeito à suposta existência de um “instinto materno”:

FB: eu acho que isso tem muito.../ ele que faz dormir? ou seja... essa história do nosso instinto materno existe mas quando há uma participação intensa a criança também se adapta a::... a essa presença paterna... ((dirigindo-se à Geane)) você fica com um pouquinho de ciúmes? você fica?

Desse enunciado, destaca-se o efeito de sentido de reiteração da crença na existência de um “instinto materno”: “nosso instinto materno existe”, afirma o ator-narrador; destaca-se também o efeito de sentido de “abertura de uma exceção”, haja vista a **admissão** de uma possibilidade de “adaptação” da criança à “presença paterna”: “a criança também se adapta a... a essa presença paterna...”, declara o ator-narrador. Ora, “adaptação” equivale a acomodação às circunstâncias e remete, conseqüentemente, mais uma vez, à ideia de

⁹ Desenvolvida por Nascimento, a concepção de “imaginário cultural” remete à coletividade, à cultura. Segundo a autora, “todo imaginário tem como pano de fundo um acordo social que se homologa em um recorte cultural que representa uma visão de mundo, uma ideologia” (2004, p. 192). O imaginário cultural é compreendido, ainda nas palavras da autora, como “um arquivo de linguagens de uma determinada cultura, figuras e percursos recorrentes” (2004, p. 195-196).

provisoriamente. É como se se dissesse que, já que a mãe não pode, na ocasião, dedicar-se integralmente ao cuidado da criança (como a **moral social** aponta e como os enunciadores midiáticos representantes dessa moral acreditam que **deve ser**¹⁰), o pai serve como “quebra-galho”, “substituto temporário”. **Desestabilizam-se**, assim, alguns dos estereótipos construídos em torno da figura “pai” e, conseqüentemente, alguns dos mitos em torno da “paternidade” – como aqueles condensados em enunciados do tipo “homem não sabe cuidar de criança” –, mas **reforçam-se** tantos outros em torno da figura “mãe” e em torno da “maternidade”.

Em termos tensivos, é possível dizer que o enunciador do quadro “Homens do lar” constrói seu discurso com base numa cultura caracteristicamente de triagem, na qual imperam valores de absoluto, valores que são da ordem da intensidade, do fechamento do foco e da seleção dos objetos: ao sujeito-homem são legitimamente destinados, nessa cultura, o espaço público e as práticas profissionais circunscritas a esse espaço; à mulher, paralelamente, o espaço privado e as práticas domésticas circunscritas a esse espaço. Partindo, pois, desse universo, o enunciador opera por melhoria, pois **admite** uma “dose” de participação no seio desse universo caracteristicamente “excludente”: o homem pode, sim, assumir o espaço privado e as práticas domésticas a ele circunscritas, mas tão-somente de modo circunstancial, provisório, pois esse espaço e essas funções são “naturalmente” reservados à mulher. Nesse sentido, o quadro “Homens do lar” parece transformar apenas aparentemente o que está sedimentado em nosso imaginário cultural em torno do “ser homem” e do “ser mulher”, em torno das práticas semióticas e das formas de vida atribuídas a esses sujeitos.

Promovendo, todavia, uma evidente tensão axiológica no seio desse discurso, outros atores conclamam pela mistura plena: trata-se dos “convidados”, artistas e especialistas que têm, a cada edição do programa, uma considerável participação nos quadros. Interpelado pelo ator-narrador, o ator-convidado Nátaly Neri propõe, nesse sentido, por meio de um enunciado cujo tom é de denúncia, o rompimento total com os estereótipos de gênero; com os papéis e as práticas atribuídos, de forma estereotipada, ao homem ou à mulher; com os mitos em torno do que é “ser homem” e do que é “ser mulher” em nossa sociedade, muitos deles atualizados na fala da apresentadora, como verificado acima. É possível dizer, portanto, que tudo o que o

¹⁰ Haja vista as infundáveis discussões/debates em torno da possibilidade/impossibilidade de conciliação entre maternidade e carreira, os quais revelam o quão forte ainda é o mito em torno da maternidade e em torno da crença de que “a mulher nasceu para ser mãe e cuidar da prole”.

ator-narrador apenas aparentemente desestabiliza ao longo do seu discurso é colocado em cheque por esse ator-convidado, como se verifica no trecho reproduzido abaixo:

FB: éh... ela que mandou a sugestão exatamente por isso... ((dirigindo-se a um convidado)) éh... na sua casa... como é que é Náthali?

C: o meu pai ele foi sempre uma exceção porque ele sempre fez os trabalhos... é assim... se você trabalha fora você não precisa arrumar a casa... se você não tá trabalhando fora então você arruma a casa... então quando ele não trabalhava ele fazia e vice-versa... **mas meu pai de fato é uma exceção... a regra é o contrário... são homens que realmente acham que não devem fazer o trabalho porque há um instinto materno... porque há um instinto da limpeza... há um instinto de organização da mulher... uma série de mitos a respeito de ser mulher que de fato não existem né... é tudo uma construção...** e quando a gente vê uma:... uma cur:va... a u:ma regra... algo que sai da curva... a gente percebe como de fato não...

FB: [é possível né...]

C: ((continuando)) é possível e **não é real que só a mulher cuide bem da criança... um pai cuida com excelência de uma criança porque é o filho daquele casal...**

Vê-se então que o ator-convidado questiona o que está sedimentado em nosso imaginário cultural em torno do “ser homem” e do “ser mulher”, questiona até mesmo, indiretamente, o que o ator-narrador, na figura da apresentadora, havia reforçado acerca do “instinto materno”, numa atitude de naturalização dos papéis temáticos “mãe” e “dona de casa”. A fala do ator-convidado é, nesse sentido, a “abertura” em direção a um processo de participação-expansão, abertura necessária para uma possível reestruturação do universo de valores em questão ou ao menos para a instauração de uma crise no seio do regime de valores dominante. Essa “abertura” em direção aos valores de universo é também depreendida da fala de outro ator-convidado, como se verifica a seguir:

FB: e em casa se você tiver que se virar sozinho Dan... você consegue se virar em que bem?

C: eu morei sozinho muito tempo... eu me viro bem... eu me viro bem... eu gosto de cozinhar... eu gosto... eu limpo a casa... organizo... eu me viro bem... eu gosto... quando eu era moleque... rapidinho... meu pai era bem essa figura que eu falei antes... meu pai chegava do trabalho... só jantava com a gente... ia trabalhar... eu via ele muito pouco... mas a gente tinha uns amigos de família... que era um senhor enorme... polonês... russo eu acho... gigante... seu José... e dona Irene... e ela trabalhava e ele cuidava da casa... eu lembro que eu tinha uns doze... treze anos... bem nessa época que tá tudo acontecendo com você... ele me chamou lá pra casa dele pra eu ajudar a limpar... e quando eu cheguei ele estava de avental... limpando a casa e cuidando das flores... e eu lembro que aquilo lá pra mim foi uma surpresa... e foi uma sor:te também [...] **você às vezes tem influências na sua vida que te possibilitam... que mostram pra você que o modelo não é um só... acho que esse é o nosso papel... mesmo que a gente venha de um modelo...**

mesmo que a gente seja um modelo... mostrar que todos os modelos são possíveis...

FB: **e nada nos impede de transitar entre outros modelos né...** há essa influência... mas depois a gente pode né...

Colocando-se no papel de enunciador, haja vista o emprego do pronome possessivo de primeira pessoa do plural em “esse é o **nosso** papel”, o segundo ator-convidado destaca que é preciso mostrar (ao telespectador-enunciatário) “que todos os modelos são possíveis”, mesmo que “a gente venha de um modelo... mesmo que a gente seja um modelo...”. Em outros termos, mesmo que eles, enquanto “comunicadores”, reproduzam um mesmo modelo, é preciso mostrar ao enunciatário que aquele não é “o” único e legítimo modelo, que todos os modelos são legítimos: que é possível ter uma família na qual a mulher é o provedor financeiro do lar e o homem o cuidador primário dos filhos ou uma família na qual não há essa polarização, na qual ambos compartilham os papéis de maneira equânime.

Da fala-enunciado do ator-narrador, disposta logo na sequência, a figura-lexemática /transitar/ chama atenção, pois remete a uma capacidade de adaptação que supostamente todos os indivíduos têm, adaptação que retoma a temática da “crise”, temporária, provisória. É como se o ator-narrador dissesse que é possível assumir temporariamente uma nova forma de vida, um novo modelo familiar: “e nada nos impede de transitar entre outros modelos né... há essa influência... mas depois a gente pode né...”. Ao empregar a figura-lexemática /transitar/ – onde caberia, num outro universo de valores, a figura-lexemática /assumir/ –, o ator-narrador revela que a transformação não precisa ser definitiva, o que irremediavelmente faz-criar que a transformação não precisa afetar todos os níveis de constituição do ator.

Esse efeito de sentido de provisoriedade, de “transição”, é ele mesmo reiterado na outra edição do quadro selecionada para análise, a qual foi transmitida em 29 de março de 2017. Nessa edição, o ator-narrador também apresenta a assunção de um novo papel temático “no lar”, por parte do ator Paulo, o entrevistado, como sendo fruto de uma “fatalidade” ocasionada pela crise econômica, que trouxe ao ator o “desemprego”:

FB: não... eu... éh:: o Paulo acabou sendo um bom representante do nosso quadro homens do lar... e eu falei de momentos diferentes - - deixa eu colocar o microfone aqui... - - **porque na verdade a vida faz isso com a gente né... a família está vivendo uma situação em que a mulher dele foi promovida e praticamente ao mesmo tempo ele perdeu o emprego... então a balança ficou ali...** quer dizer... é um momento de muita alegria porque ela conseguiu uma promoção que é bacana né... e ele perdeu o emprego... só que ao conseguir a promoção... ela passou a precisar viajar de segunda a sexta... muito... e aí...

Tal situação de “desemprego” é enunciada pelo ator-narrador como uma “fatalidade” (“porque na verdade a vida faz isso com a gente né...”), a qual altera o presumível estado de equilíbrio anteriormente mantido na distribuição dos papéis e funções entre o casal, conforme efeito de sentido produzido pelo emprego da figura “balança”. Inúmeros lexemas poderiam preencher a lacuna deixada no enunciado após o emprego dessa figura, mas o que melhor a preenche é “desregulada”: ao passo que o ator “mulher” foi promovido, o ator “homem” perdeu o emprego, “fatalidade” que deixou a balança do casal “desregulada”. Nesse sentido, torna-se evidente qual é o modelo familiar que o ator-narrador, representante da moral social, referenda como modelo a ser seguido: aquele em que o homem é o provedor financeiro da família, e a mulher, o cuidador primário dos filhos e o responsável pela casa.

Embora a narrativa construída nessa segunda entrevista seja a de uma suposta “inversão de papéis” – a esposa de Paulo desempenha o papel temático de gerente comercial e, por ocasião da assunção desse papel, passa a semana inteira fora de casa, viajando a trabalho, enquanto ele cuida dos três filhos dessa união conjugal e da rotina da casa –, o ator-narrador não deixa de associar os papéis temáticos “dono de casa” e “desempregado”, mostrando, uma vez mais, como o universo de valores dominante é o dos “valores de absoluto”, no qual opera a “triagem” no que diz respeito aos papéis e aos lugares “reservados” ao homem e à mulher. A ênfase na discussão acerca da perda do emprego, por parte do ator-narrador, confirma assim a associação direta entre “lar” e “desemprego” na construção desse novo ator, embora a “fatalidade” enunciada pelo ator-narrador seja assumida pelo ator homem “do lar” como um “acidente feliz”, como um “acidente salvador¹¹”, conforme revela a figura “providência”, depreendida do enunciado reproduzido a seguir:

P: eu costumo dizer que... éh... eu costumo dizer que **os planetas se alinharam pro momento em que eu perdi o emprego ela foi promovida e eu conseguir ficar com os três em casa...** é óbvio que os meus pais vão à minha casa também... me ajudam também... mas... tem sido nós quatro ali o tempo inteiro...

A “dose” maior de participação-expansão inserida no seio desse regime enunciativo caracteristicamente de “triagem” ou, em outros termos, a conclamação efetiva pelos “valores de universo”, é, conforme já apontado no âmbito da análise da primeira entrevista, fruto da

¹¹ Faz-se aqui referência a uma expressão utilizada por Eric Landowski em texto intitulado “O semiótico e seu duplo”, inserido originalmente na obra *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas* (1995), organizada por Landowski e A. C. Oliveira, e republicado na obra *Com Greimas: interações semióticas* (2017), compilação de textos do sociosemiótico.

mediação de um ator-convidado, que levanta a possibilidade de uma “inversão de papéis” desse tipo também poder ser fruto de uma “decisão” – e não tão-somente do “acaso”, tal como afirmara, de forma estereotipada, o ator-narrador –:

C: não... e é essa a questão né... éh... éh uma coisa familiar né... é uma decisão fa:miliar... é o que é bom pra famí:lia... **e talvez mesmo que você não tivesse perdido o emprego mas ela tivesse uma boa promoção... talvez você...**

FB: [precisasse dar uma pausa...

C: ((continuando)) **escolhe/ saísse do seu emprego... de livre e espontânea vontade... pra ela poder fazer isso e você poder cuidar dos filhos né...**

P: **sim... era algo que a gente já conversava...**

No trecho acima, é bastante evidente que o ator-convidado aponta a assunção do novo papel, por parte do ator homem, como algo que pode ser fruto de uma decisão, isto é, como uma forma de vida que pode nascer, sim, da necessidade – que implicaria então uma “vontade passiva”, isto é, um /não dever não fazer/ aliado a um /não querer não fazer/ –, como concebe o ator-narrador, mas também da deliberação – que implicaria então uma “vontade ativa”, isto é, um /não dever não fazer/ aliado a um /querer fazer/¹².

Todavia, conforme destacamos anteriormente, essa abertura em direção aos “valores de universo” é localizada, aqui e ali, na fala do ator homem “do lar” e também na de algum ator-convidado, mas não exatamente na fala do ator-narrador, que se revela, em “essência”, um verdadeiro representante da moral social. O trecho abaixo, enunciado no encerramento dessa segunda entrevista, confirma tal constatação, uma vez mais associando os papéis temáticos “dono de casa” e “desempregado”:

FB: a gente tem trazido aqui nesse homens do lar vários... vários homens que acabam indo pra **esse caminho éh:: da vida mais ligada aos filhos e à vida doméstica por conta exatamente do desemprego... são doze milhões... então não é pouca gente que está desempregada né... é MUIta gente...** então acaba que essa situação leva pra dentro de casa uma galera que não estava acostumada a ficar e que às vezes... muitas vezes acaba descobrindo um papel importante e... e... funções que não fazia e que acaba até curtindo e gostando...

Embora o ator-narrador aponte um “caminho” mais ligado “aos filhos e à vida doméstica” e a descoberta de “um papel importante”, verifica-se que ele insiste na retomada

¹² Algirdas Julien Greimas (2014, p. 99) destaca, em “Para uma teoria das modalidades”, texto inserido na obra *Sobre o sentido II*, que o contexto cultural ocidental valoriza como papéis “criadores” a “vontade ativa” (que combina um /não dever não fazer/ e um /querer fazer/) e a “resistência ativa” (que combina um /dever fazer/ e um /querer não fazer/). Esses papéis “criadores” podem ajudar a descrever, segundo o semioticista, as “atitudes” que o indivíduo adota em relação à sociedade.

do tema “desemprego”, mesmo após outras temáticas como a da “ascensão feminina a postos de comando” terem emergido e ganhado espaço na entrevista – o que deveria naturalmente abalar a relação direta entre “crise econômica” – “desemprego” – “homens do lar”. Ao insistir, pois, na retomada do tema “desemprego”, o efeito de sentido produzido é o de crença na impossibilidade de dissociar os papéis temáticos “dono de casa” e “desempregado”, de pensar um homem “do lar” que encontra satisfação no desempenho de funções na casa, como também se evidencia por meio do emprego do lexema “até” (“funções que não fazia e que acaba até curtindo e gostando...”), partícula que denota inclusão, acréscimo, mas também limite, reforçando, por fim, o efeito de sentido de surpresa – e por que não, de dúvida – em relação à “real” satisfação do homem “do lar” em relação ao espaço da casa, bem como em relação à assunção de uma possível nova forma de vida.

3.2. O homem “do lar” no Programa “Papo de Mãe”

Buscando verificar a reiteração (ou não) da enunciação depreendida no âmbito do quadro “Homens do lar”, do programa “Encontro com Fátima Bernardes”, em outros programas da televisão brasileira, passamos a analisar uma edição do programa “Papo de Mãe” que foi ao ar em 06 de julho de 2014, pela TV Brasil, tendo sido reprisada, em 02 de dezembro de 2017, pela TV Cultura. Com duração de aproximadamente cinquenta minutos, a edição apresenta um bate-papo com quatro homens “do lar”, no meio do qual são inseridas diversas reportagens, todas construídas dentro da temática em pauta.

Cabe destacar que as quatro entrevistas citadas ocorrem conjuntamente, a diversidade de temáticas abordadas na (re)construção das narrativas dos sujeitos entrevistados – os homens “do lar” individualizados por meio dos antropônimos Sérgio, Hilquias, Alex e Marco Antônio –, sendo mostrada logo na abertura da referida edição do programa, nos enunciados tomados dos atores Mariana Kotscho e Roberta Manreza – que desempenham ambos o papel temático “apresentador” –, como se verifica no trecho reproduzido a seguir:

M: olá... o Papo de Mãe está no ar... um termo pouco usado... mas cada vez mais real... o homem dono de casa... ele cuida das crianças e da casa enquanto a mulher sai pra trabalhar...

R: olha... tem marido que abandonou a carreira profissional para ter mais tempo com os filhos... tem pai autônomo que se vira como pode para dar conta dos compromissos das crianças... e tem os que ficaram desempregados enquanto a mulher estava muito bem na profissão e assumiram a rotina de

casa deixando assim a esposa trabalhar tranquila... veja os destaques do programa...

Diferentemente da enunciação construída no programa “Encontro”, que associa de imediato (e ao longo de todo o texto) os papéis “dono de casa” e “desempregado”, aqui se verifica uma definição mais abrangente – e neutra – do que viria a ser o homem “do lar”: um sujeito que “cuida das crianças e da casa enquanto a mulher sai pra trabalhar”. Embora a temática da “inversão de papéis” entre homem e mulher pareça evidente, o enunciado disposto na sequência apresenta uma diversidade de configurações, que vão desde a decisão do homem de abandonar a carreira para dedicar-se ao cuidado dos filhos até a situação de desemprego – atrelada à ascensão profissional da mulher –, passando pelo trabalho informal que dá ao sujeito a oportunidade de conciliar vida profissional e vida doméstica.

Essa diversidade de configurações familiares é verificada ao longo de toda a análise das entrevistas, no início das quais o ator-narrador já busca confirmar a assunção do novo papel temático por parte do sujeito entrevistado. Em todas essas entrevistas, os sujeitos assumem-se prontamente como “donos de casa”, conforme se verifica, por exemplo, no diálogo iniciado com o ator Sérgio e, logo na sequência, com o ator Hilquias:

M: então a gente vai começar aqui conhecendo a história do Sérgio... o Sérgio... você é dono de casa Sérgio...

S: hoje eu sou dono de casa... e empresário dentro de casa...

M: a gente vai conhecer o Hilquias... que também é dono de casa... né Hilquias?

H: éh... dono de casa...

É interessante destacar, desde o início das entrevistas, o posicionamento do ator-narrador em relação ao surgimento desse novo papel, de fato assumido (e não apenas “atribuído”) ao ator homem. À “fatalidade” e à “provisoriedade” depreendidas quando da análise do primeiro texto televisivo, sucedem o sucesso e a “continuidade” de uma escolha efetiva, marcada, por exemplo, no emprego do lexema “conseguir”, utilizado pelo ator-narrador no seguinte enunciado, dirigido ao ator Sérgio: “anham... quer dizer que você **conseguiu** uma alternativa aí pra estar mais perto dos filhos e poder acompanhar o crescimento deles...”, ou ainda mais explicitamente, no emprego do lexema “decisão”, utilizado em dois enunciados, um dirigido ao ator Hilquias: “e... e... você como é que é...

conta pra gente como é que foi essa **decisão** de se tornar um dono de casa...”, outro dirigido ao ator Marco Antônio: “como é essa **decisão**... de ficar mais próximo dos filhos e de acompanhar esse crescimento...”.

Quanto aos papéis temáticos profissionais desempenhados pelos atores entrevistados, antes e depois da assunção do novo papel, cabe dizer que eles são mencionados, embora de maneira sucinta. Alguns declaram que trabalham atualmente como autônomos ou fazem “bicos”; outros declaram que assumiram o “lar” em tempo integral. A esse respeito, é importante focalizar a fala do ator Sérgio, que declara, em momento inicial da entrevista, que é “dono de casa e **empresário dentro de casa**”, mas também, em momento posterior, que é “**pai em tempo integral** e homem do lar”: “aí eu resolvi... uai gente... me matar pra quê? vendo os filhos crescendo e eu não estando em casa... então eu optei... isso em 2009... e a partir de 2009 pai em tempo integral e homem do lar...”. Além da temática da profissão, trazida para o espaço privado como atributo “extra”, observa-se, no enunciado, a aspectualização¹³ do papel temático “pai”, significativa para a investigação da emergência de uma nova “forma de vida”.

É preciso lembrar assim o que nosso imaginário cultural sedimenta em torno do que é/como é “ser pai”. Predominantemente, o papel temático “pai” tem ou um caráter incoativo ou um caráter pontual (não durativo), como bem destacou a clássica campanha do Gelol, lançada em 1984, sob o mote “Não basta ser pai, tem que participar”. Ser um bom pai era (e em muitos casos, ainda é) ser aquele que sustenta a família e usa sua autoridade sempre que necessário, particularmente na hora da bronca, sendo as miudezas cotidianas, as demonstrações de afeto e a efetiva convivência com os filhos vistas como responsabilidades prioritariamente femininas. O que a campanha do Gelol preconizava era a necessidade de ser pai de modo constante, contínuo. Tantas décadas depois, ainda continua sendo necessário reforçar que esse papel temático deve, assim como o papel temático “mãe”, ter um caráter essencialmente “durativo”. É o que o predicado “em tempo integral” condensa, ao ser atrelado

¹³ Greimas e Courtés explicam que, “historicamente, o **aspecto** é introduzido na linguística como ‘ponto de vista sobre a ação’, suscetível de se manifestar sob a forma de morfemas gramaticais autônomos” (2013, p. 39, grifo dos autores). Continuam os autores: “Tentando explicitar a estrutura actancial subjacente à manifestação dos diferentes ‘aspectos’, fomos levados a introduzir nessa configuração discursiva um actante **observador** para quem a ação realizada por um sujeito instalado no discurso aparece como um processo, ou seja, como uma ‘marcha’, um ‘desenvolvimento’. Sob esse ponto de vista, a aspectualização de um enunciado corresponde a uma dupla debreagem: o enunciador que se delega no discurso, por um lado, num actante sujeito do fazer e, por outro, num sujeito cognitivo que observa e decompõe esse fazer, transformando-o em processo [caracterizado então pelos semas duratividade ou puntualidade, perfectividade ou imperfectividade (acabado/inacabado), incoatividade ou terminatividade]” (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 39-40, grifo dos autores).

à figura-lexemática “pai”: passamos assim do pai “genitor” e “provedor” ao pai “participativo” e, agora, ao pai “dono de casa”, que assume o lar de maneira integral.

Essa assunção integral do espaço da casa e das funções domésticas é evidentemente abordada como algo inédito, tanto que o ator-narrador construído no enunciado do programa questiona um dos atores entrevistados, Marco Antônio, se a decisão de ficar em casa cuidando dos filhos traz algum tipo de angústia, uma vez que é sabido que as mulheres vivem o dilema carreira *versus* filhos. Diante do questionamento, o ator Marco Antônio relata a satisfação plena alcançada no espaço da casa, do mesmo modo que Sérgio, que intervém relatando igualmente a realização encontrada “no lar”:

R: mas você sente falta... por exemplo assim... a gente já falou aqui muito do dilema das mulheres... que às vezes deixam a carreira pra criar os filhos ou vice-versa né... você sente falta assim de um trabalho fi:xo... de um escritó:rio...

MA: podia falar pra televisão... mas posso falar sinceramente? na:da...

M: sentimento de culpa zero... ((dirigindo-se a Sérgio)) você também não?

MA: [nenhum...

S: vou falar uma coisa... se eu soubesse que era tão bom... eu tinha largado antes...

MA: [tinha feito antes...

Diferentemente do quadro “Homens do lar”, do programa “Encontro”, os convidados do “Papo de Mãe” são exclusivamente especialistas, que discutem, embasados em pesquisas tanto qualitativas quanto quantitativas, a assunção, por parte do ator homem, dessa nova forma de vida “doméstica”. Nessa perspectiva, o ator Natércia Tiba, revestido do papel temático “psicóloga”, ressalta o desafio que é, tanto para o homem quanto para a mulher, abrir mão dos papéis que já estão socialmente atribuídos:

N: tem uma bagagem sociocultural muito grande de que essa é uma função feminina... e eu acho muito bonito ouvir falar dessa parceria... eles aqui contando... porque existe uma cabeça mais flexível e aberta dos homens pra optar por isso... pra não olhar isso com preconceito... e das mulheres pra abrir mão de um papel muito grande... porque é isso... ((mudando o tom de voz)) mas que mulher é essa que deixa tudo na mão do marido? tem esse peso pra ela também... e a primeira reação ao ver um homem que não trabalha fora né... dessa maneira tradicional... no meio corporativo... é falar não... alguma coisa deu errado ali por i:sso ele foi pra casa...

Discutindo esses papéis socialmente “atribuídos” ao homem e a mulher, o ator-narrador Mariana destaca que a mulher dona de casa é dona de casa, pura e simplesmente, sem complemento: “porque tem isso... a mulher dona de casa ela **nunca** diz eu estou

desempregada... ela diz eu sou dona de casa... agora o homem [...] às vezes vai dizer eu estou desempregado...”. Essa associação entre os papéis “dono de casa” e “desempregado”, culturalmente dada, é, pois, problematizada pelo ator-narrador, que constrói seu discurso operando predominantemente por mistura, visto que imperam, na globalidade dos enunciados, valores de universo, que são da ordem da extensidade, da abertura do foco e da multiplicidade de objetos apreendidos. Embora em alguns momentos uma dose de “exclusão-concentração” seja administrada – o que ocorre, por exemplo, quando o ator-narrador resgata do nosso imaginário cultural a afeição “natural” das mulheres ao serviço doméstico (“depois vocês vão contar se as mulheres ficam ligando pra conferir se vocês estão fazendo tudo certo heim? ((risos))”), como se não houvesse, na sociedade, uma parcela de mulheres completamente desafeita a tal serviço e, conseqüentemente, ao espaço da casa –, na maior parte das vezes a questão é modalizada, como se observa no trecho abaixo, que reproduz o diálogo entre o ator-narrador e a especialista já mencionada, Natércia Tiba:

M: ((dirigindo-se à especialista)) às vezes ainda tem alguma coisa da... da mulher achar que... que e:la faria melhor? tem?

N: éh... na verdade assim... o mais comum é a mãe falar tá bom você cuida mas do JEItó que eu estou mandando cuidar... então aprender a respeitar que o pai cuida muito bem do jeito dele é um outro desafio... né... porque não é raro mesmo a mãe deixar toda a rotina... roupa separada...

Essa modalização, marcada sobretudo nos lexemas “às vezes” e “ainda”, empregados na fala-enunciado do ator-narrador, revelam como esse texto televisivo está predominantemente marcado por um discurso de transformação (de papéis e práticas de gênero e, conseqüentemente, de formas de vida canônicas assumidas seja no espaço público seja no espaço privado). Esse discurso de transformação aponta para a emergência de uma nova axiologia, de uma nova forma de ver e sentir o mundo, não mais baseada na divisão sexual dos espaços, mas nas escolhas de vida feitas pelos sujeitos. É resgatando isso que a edição em pauta se encaminha para o encerramento, o ator-narrador ressaltando que a gente vive um momento de transição, mas que ainda há muitos desafios pela frente.

4. Recapitulação e encaminhamentos

Sintetizando as análises conduzidas acima, bastante reduzidas devido à coerção do gênero artigo científico e, principalmente, ao fato de as análises completas dos textos

selecionados ainda estarem em desenvolvimento, podemos confirmar que os enunciadores dos textos televisivos constroem seus discursos segundo princípios distintos: no âmbito do Programa “Encontro com Fátima Bernardes”, o regime de valores dominante é o dos valores de absoluto, mobilizados por meio da operação da “triagem”, bastante evidente quando se verifica que a figura actorial homem “do lar” surge nos enunciados do ator-narrador como fruto de uma situação circunstancial – a crise econômica que traz o desemprego –, sendo o papel temático “dono de casa” (e a forma de vida a ele atrelada) proposto(s), por esse ator-narrador, como algo essencialmente provisório. O reforço dos estereótipos de gênero, particularmente no que tange ao modo de referendar a suposta existência de um “instinto materno”, confirmam, assim, a “triagem” que domina esse discurso. A tensão se instaura apenas quando se consideram as falas-enunciados do ator entrevistado, bem como as dos atores-convidados (que aparecem já no final da entrevista), uma vez que esses atores conclamam pelos valores de universo ao denunciar a forma canônica de ver e viver a vida como membros de uma sociedade caracteristicamente machista.

No âmbito do Programa “Papo de Mãe”, o regime de valores dominante é, contrariamente, o dos valores de universo, mobilizados por meio da operação da “mistura”, incontestemente quando se verifica que a figura actorial homem “do lar” surge nos enunciados do ator-narrador como uma figura que pode existir na duratividade, como fruto de uma decisão, de uma “vontade ativa” do sujeito, isto é, da deliberação, e não exclusivamente da necessidade gerada pela “crise econômica” e por uma de suas consequência mais diretas, o desemprego. Prova disso é que, em vez de simplesmente desejar que o entrevistado “volte a encontrar o seu emprego”, como faz o ator-narrador do primeiro texto, o ator-narrador de “Papo de Mãe” pergunta aos entrevistados se eles sentem falta do “escritório”, isto é, da forma de vida canônica que eles assumiam anteriormente.

Se algumas “misturas” são **admitidas** no primeiro caso, é evidente que essas misturas não são plenas, completas: há misturas “desejáveis” e misturas “indesejáveis”, a saber, condições para a emergência e a estabilização da figura actorial homem “do lar”. Em outros termos, o homem “do lar” é pensado como um sujeito que emerge de uma “falta”, de uma “crise”, de uma “necessidade”, e jamais como um sujeito que emerge da “plenitude”, da “bonança”, da “escolha”. Isso não quer dizer que, no segundo caso, o homem “do lar” seja já uma figura estabilizada, cuja forma de vida já foi aceita e incorporada ao sistema sociocultural. Não. O que isso quer dizer é que se as mídias, como “operadores de mediação”,

desempenham um papel decisivo nas zonas periféricas da cultura, um papel de passagem, de transferência, de tradução e de transformação de formas semióticas, como destaca Fontanille (2013), elas não o desempenham de maneira homogênea. Tudo parece depender, no caso, dos formatos dessas mídias – os dois programas em questão são fundados no diálogo, mas o primeiro tem um caráter mais “informativo” e o segundo um caráter mais “argumentativo”, conforme é possível concluir, mesmo que de forma bastante provisória – e do público construído para/por esses formatos. A pertinência da pesquisa é assim reforçada, e o fôlego para empreender a tarefa renovado, uma vez que, como também observa Fontanille (2013), ao mesmo tempo em que as mídias estão particularmente implicadas na proposição de novas formas de vida, elas também estão na sua rápida degradação.

REFERÊNCIAS

- FIORIN, José Luiz. Relações entre sistemas no interior da semiosfera. In: MACHADO, Irene (org.). *Semiótica da Cultura e Semiosfera*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007, p. 175-204.
- FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FONTANILLE, Jacques. *Sémiotique et littérature*. Essais de méthode. Paris: PUF, 1999.
- FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do Discurso*. Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.
- FONTANILLE, Jacques. Médias, regimes de croyance et formes de vie. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia (org.). *As interações sensíveis: ensaios de sociosemiótica a partir da obra de Eric Landowski*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013, p. 131-148.
- FONTANILLE, Jacques. *Formes de vie*. Liège: PUL, “Collection Sigilla”, 2015.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et al. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das Paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- HOMENS DO LAR: Jefferson lava, passa e cozinha todos os dias. *Encontro com Fátima Bernardes*. Rio de Janeiro: Rede Globo, 10 de março, 2017. Programa de TV. Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/5714055/>>. Acesso em: 03 jan. 2018.
- HOMENS DO LAR: Paulo cuida das crianças enquanto a mulher trabalha fora. *Encontro com Fátima Bernardes*. Rio de Janeiro: Rede Globo, 29 de março, 2017. Programa de TV Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/5761170/>>. Acesso em: 03 jan. 2018.
- LANDOWSKI, Eric. O semioticista e seu duplo. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia; LANDOWSKI, Eric. (eds.). *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: EDUC, 1995, p. 239-295.

LANDOWSKI, Eric. O semioticista e seu duplo. In: LANDOWSKI, Eric. *Com Greimas: interações semióticas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2017, p. 125-149.

MARIANA KOTSCHO E ROBERTA MANREZA CONVERSAM COM HOMENS “DONOS DE CASA”. *Papo de Mãe*. São Paulo: TV Brasil, 06 de julho, 2014. Programa de TV. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=VeCHjXMoot0>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos Santos. Imaginário cultural e persuasão em textos publicitários. In: CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata Coelho. *Razões e sensibilidade: a semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004, p. 191-202.

PRETI, Dino. (org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000. (Série Projetos Paralelos – NURC/SP, v. 4)

Artigo recebido em fevereiro de 2018.
Artigo aceito em maio de 2018.